

Fazendo História: estudo de caso sobre imprensa estudantil e pastoral de juventude (1988-1991)

Resumo

O estudo associa os temas educação, história de impressos e juventude, com foco nos impressos estudantis. Identificou um conjunto de quinze edições do impresso *Fazendo História*, publicado entre março de 1988 e setembro de 1991, produzido por e para jovens estudantes da Pastoral da Juventude Estudantil da Igreja Católica. A partir dos pressupostos teóricos da História Cultural, especialmente dos estudos de Roger Chartier, descreve a materialidade desse impresso, ou seja, se ocupa do suporte no qual os textos são dados a ler, bem como dos dispositivos textuais e tipográficos, ou protocolos de leitura propostos no impresso. Comparecem fortemente imagens em consonância com os textos e também aquelas que apenas preenchem espaços, caracterizando-se como protocolos de leitura. Pode-se observar que o suporte mantém-se o mesmo nos números examinados, seja quanto o tamanho, a forma de apresentação ou a estrutura gráfica e editorial. Isto sugere inferir, que tal forma, fizesse parte do gênero discursivo dos impressos estudantis deste período entre os anos 80 e 90 do século XX ou até mesmo de inspiração em jornais de grande circulação e impressos aos quais os jovens tinham acesso.

Palavras-chave: Imprensa estudantil; Pastoral de Juventude; História Cultural; Materialidade; Protocolos de Leitura

Patricia Machado Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
pativieira.ajs@gmail.com

Apresentação

Entre os anos 1980 e 1990, acompanhando a progressiva redemocratização da vida política brasileira, diversos coletivos juvenis experimentaram uma maior liberdade de constituição, reunião, atuação sociocultural. Dentre suas práticas, sobressaiu a produção de materiais, a realização de ações de conscientização dos jovens com vistas a seus engajamento, à militância e difusão de idéias para a transformação da realidade social. Dentre os grupos juvenis constituídos neste período, figuram aqueles ligados à atuação de correntes progressistas da Igreja Católica, que para além das comunidades eclesiais de base, também atuou incisivamente no campo da pastoral de juventude, mesmo que movimentos como a JAC, a JEC e a JUC tenham sido duramente perseguidos nas décadas anteriores, durante a vigência do regime militar.

No âmbito da pastoral de juventude católica dos anos 80 e 90 do século XX, foi uma prática bastante difundida a produção e circulação de uma imprensa de pequena escala, os jornaizinhos elaborados pelos próprios jovens e dirigidos a outros jovens dos movimentos de juventude. No Rio Grande do Sul a atuação da pastoral de juventude católica foi expressiva, havendo diversos grupos e iniciativas de participação dos jovens na vida social e pastoral.

A escolha pela análise do jornal *Fazendo História*, impresso estudantil em circulação no RS, no período de 1988 a 1991, inscreve-se no movimento maior de formação juvenil no âmbito da Pastoral de Juventude Estudantil¹. O estudo dedica-se, em especial, à análise da materialidade e dos protocolos de leitura presentes nesse impresso, além de focar aquelas referências às práticas de leitura daqueles que o escreviam/produziam.

A História da Educação, principalmente os pesquisadores que se aproximam dos pressupostos teóricos da História Cultural, vêm examinando diversificados artefatos culturais da escola e da sociedade mais ampla em suas pesquisas sobre a cultura e o cotidiano social e escolar. O objetivo dessas pesquisas é, em geral, reconstruir práticas,

¹A Pastoral da Juventude Estudantil é uma organização da Igreja Católica do Brasil, criada em 1982 sob o título de “Pastoral Secundarista”, com o objetivo de atender os jovens no meio específico onde se encontram, a escola. Dentre suas opções metodológicas estão o trabalho com grupos, a formação continuada dos jovens e um grande investimento de ação transformadora sobre a realidade (PJE, 2005).

examinar fenômenos educativos, não reduzidos ao processo de escolarização, desenvolvidos em determinado tempo-espaço.

Variados artefatos que circulavam na escola e em seu entorno tem sido considerados como documentos históricos por excelência para estudos de História da Educação, dentre os quais sobressaem alguns exemplos: cadernos (MIGNOT, 2008); revistas para professores (CATANI e BASTOS, 1997); revistas de grêmios estudantis (FRAGA, 2012); manuais para formação de professoras (MONTEIRO, 2012); diários (CUNHA, 2007); cartas (GASTAUD, 2009); etc.

Dentre as possibilidades e objetos de pesquisa ainda pouco considerados ou mesmo que permaneceram na invisibilidade e que passaram a ser retomados como objetos de estudo da história da educação de inspiração cultural, aqui manifesta-se o interesse em contribuir com os estudos da história da cultura escrita. Em particular impressos ligados às práticas de leitura e escrita de jovens estudantes. Dentre estes, um jornal estudantil em especial, intitulado *Fazendo História*. Quanto aos periódicos produzidos por jovens alunos, ou melhor, quanto à Imprensa estudantil, Maria Helena Bastos afirma,

Os impressos de alunos, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas. Na historiografia da história da Educação no Brasil encontram-se vários estudos com impressos escolares ou impressos estudantis, mas são poucas as pesquisas que privilegiam aqueles produzidos por alunos, de diferentes níveis de ensino - ensino primário, ensino médio e ensino superior - que decorre da sua pouca conservação, pois muitos deles foram manuscritos. (2013, p. 9)

A abordagem aqui proposta consistiu em uma imersão no objeto de estudo *Fazendo História* e não uma mirada panorâmica sobre a temática imprensa estudantil. Destaca-se sua relevância por privilegiar os impressos produzidos pelos próprios estudantes. Também foi fundamental seguir as sugestões de Roger Chartier (2004), quanto à opção em examinar práticas particulares de leitura e escrita, empreendidas a partir de um objeto específico representado por quinze números do *Fazendo História*. O

intuito maior é compreender os usos desse objeto, em seu contexto de produção e circulação nos anos 1980-1990.

Na sequência, apresenta-se o Acervo no qual foi localizado o impresso estudantil em estudo, que é caracterizado e situado. A seguir, os números localizados são descritos quanto à materialidade, protocolos de leitura e referências às práticas de leitura e escrita.

O Acervo da Pesquisa

Os exemplares do impresso estudantil *Fazendo História* aqui examinados encontram-se disponíveis em um Acervo que possui sob sua guarda um conjunto expressivo de impressos estudantis ligados à pastoral de juventude da Igreja Católica dos anos 1970 a 2010. Desde 2013 esse material, que representa cerca de 15 títulos distintos, vem sendo pesquisado, inventariado, descrito e estudado. Alguns tem sido objeto de uma maior atenção, outros ainda encontram-se apenas repertoriados.

O Acervo em foco pode ser considerado um acervo especializado em juventude, sobretudo que preserva a história das pastorais de juventude, um território ao mesmo tempo familiar e desconhecido das pesquisadoras. Foi constituído a partir da incorporação do acervo documental do antigo Banco de Dados do Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ)².

O Banco de Dados foi criado como um espaço para arquivar e deixar registrado várias iniciativas das Pastorais de Juventude das dioceses, regionais do Brasil e dos países da América Latina, dos diversos movimentos juvenis e da juventude em geral. “As caixinhas”, como era chamado o Banco de Dados, guardavam as riquezas da caminhada pastoral de muitos lugares latino-americanos: históricos, relatórios de encontros, conclusões de assembleias, etc... (PULITA, 2004, p. 32)

²O Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ) foi criado em janeiro de 1980, com sede em Porto Alegre/RS, localizado em uma casa nos fundos do Colégio Anchieta, dos padres Jesuítas. Constituiu-se em ação intercongregacional de trabalho com a juventude. Dentre as congregações com compunham o conselho administrativo do IPJ, figuram algumas bastante importantes no âmbito das escolas privada: Jesuítas, Maristas, Lassalistas, Salesianos, entre outros.

Como iniciativa das diferentes frentes de trabalho com a juventude católica, mas também com o intuito de atender e ser espaço de acolhida para as diferentes juventudes (PULITA, 2004). O IPJ foi referência Latino-Americana em trabalho com juventudes e realizou atividade de formação, assessoria e pesquisa durante 30 anos, tendo suas atividades encerradas no ano de 2010.

No ano de 2010, o Instituto de Pastoral da Juventude encerrou suas atividades, realizando uma espécie de inventário de seus bens, sendo escolhidos como fiéis depositários de sua Biblioteca e banco de dados os Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas)³. Porque tais materiais ficaram sob a guarda dos Lassalistas? Segundo relatos das pessoas responsáveis pelo inventário do acervo do IPJ, as demais congregações que demonstraram interesse em guardar a antiga Biblioteca e o Acervo do IPJ não garantiram que os documentos seriam mantidos reunidos. Apenas os Lassalistas comprometeram-se em não desmembrar o material. E há, também, uma questão relacionada à localização, pois o Acervo já se encontrava em uma instituição Lassalista desde que o IPJ fora removido de sua sede original em Porto Alegre, no ano de 2008, antes mesmo de encerrar suas atividades.

Atualmente, apesar da identificação ser feita como Acervo sob responsabilidade da UNILASALLE⁴, no ano 2012 optou-se pela reforma e adaptação de um espaço para a alocação adequada de seus documentos. O Acervo foi, então, sediado junto ao Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, no bairro Niterói, cidade de Canoas, Região Metropolitana de Porto Alegre/RS.

Neste Acervo estão reunidos documentos, impressos, relatórios, revistas, jornais entre outros, que foram recolhidos e guardados durante os 30 anos de existência do IPJ. Em sua grande maioria, os documentos arquivados relacionam-se com o trabalho social da Igreja Católica em relação a juventude, identidade do próprio IPJ; mas também conserva os documentos administrativos da instituição extinta e de algumas congregações. Ainda integram o Acervo, jornais e textos ligados à política e à educação que circulavam em diferentes atividades promovidas pelo IPJ.

Dentre os impressos, foram identificados alguns mais ligados à realidade estudantil, como os intitulados *Psu*, *Gandhideia*, *Um novo sol*, *Vento Novo*. Outros, apresentam-se mais vinculados à realidade juvenil, sem deixar de tratar da educação e do jovem

³Os lassalistas eram uma das congregações que integravam o IPJ, que era um instituto intercongregacional de trabalho com as juventudes católicas.

⁴UNILASALLE é um centro universitário dos Irmãos Lassalistas, localizada no centro da cidade de Canoas/RS, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre.

estudante, intitulados *Fermento*, *Óxente*, *PJ a caminho*, *O Judinho*. Todos estes impressos foram produzidos por jovens, a partir de agremiações ligadas à Igreja Católica, e eram dirigidos para o público juvenil.

O impresso *Fazendo História* faz parte desse corpus de impressos estudantis, produzidos por jovens e guardado como parte do Acervo do IPJ.

Fazendo História: das práticas de escrita às práticas de leitura

As quinze edições do *Fazendo História* trazem em seu subtítulo os seguintes dizeres: *A informação a serviço dos estudantes*. As edições localizadas percorrem os números um ao quinze, sem que falte nenhum número deste intervalo.

Segundo o próprio impresso, intentava ser de circulação nacional, pois era produzido pela Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil⁵ e divulgava ideais, notícias e informações para todos os grupos estudantis que se identificavam com esta organização juvenil.

Alguns indícios dessa circulação podem ser constatados nas cartas e contribuições enviadas por jovens leitores, que se identificam como moradores de diferentes regiões do país. Além disso, em algumas edições constam calendários e notícias específicos de cada região do Brasil, e intitulados como *Blocos Regionais*.

O lançamento do primeiro número do impresso *Fazendo História* data do bimestre março e abril de 1988, e o último exemplar do conjunto, de agosto e setembro de 1991. A tabela que segue apresenta informações gerais dos quinze números localizados e analisado neste estudo.

⁵A Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil é uma instância representativa e de coordenação com membros oriundos de estado do Brasil onde a PJE encontra-se articulada com grupos em escolas e instância de organização e coordenação estadual. Esse membros da Secretaria são jovens e assessores que participam dos grupos em suas escolas e contribuem voluntariamente para o serviço nacional.

Jornal "Fazendo História: A informação a serviço dos estudantes"		
Nº da edição	Data de publicação	Nº de páginas
01	mar./abr.,1988	20
02	maio/jun.,1988	24
03	set./out.,1988	20
04	jan./fev.,1989	12
05	maio/jun.,1989	12
06	jul./ago.,1989	9
07	set./out.,1989	21
08	nov./dez.,1989	17
09	jan./fev.,1990	9
10	mar./abr.,1990	15
11	jul./ago.,1990	13
12	nov.,1990	12
13	mar./abr.,1991	16
14	1991	15
15 ⁶	ago./set.,1991	12

Tabela 1 – Dados de edição, data de publicação e número de páginas.

Fonte: Tabulação realizada pela pesquisa.

As edições publicadas nos anos de 1988 e 1989 apresentam certa regularidade no intervalo de publicação, já em 1990 e 1991 percebe-se lapsos de tempo maiores. Outra variação é quanto ao número de páginas, inicialmente em torno de 20, chega em alguns momentos a apenas 9 páginas. Observando as edições é possível perceber que essa redução se dá em todos os elementos que constituem o impresso: textos, imagens, informações, citações. Possivelmente essas diminuições aconteceram por escassez de tempo daqueles que contribuíam na produção e de material limitado para a impressão do periódico.

Para compreender os significados atribuídos aos impressos pelos seus leitores, Chartier ressalta que é preciso estar atento às, “formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão”, pois segundo o autor, estas participam da construção de seus significados” (2002, p. 62). Desse modo, considerar as materialidades do impresso é

⁶Não há indícios que possam afirmar que as edições do *Fazendo História* cessaram a partir da edição de número 15. Não foi localizado mais nenhum outro exemplar de edições posteriores.

fundamental em qualquer estudo que pretenda a compreensão das práticas de produção, circulação e os sentidos diversos atribuídos aos seus textos.

Os quinze números localizados encontram-se guardados em uma caixa intitulada “PJE – Boletins”, sem uma ordem prévia, misturados com alguns outros periódicos de mesmas características. Alguns números possuem apenas um exemplar, enquanto outros mais exemplares, chegando a ter quatro. E, apesar do aparente descaso com que estão ali guardados, o estado de conservação é muito bom. Após aproximadamente 25 anos de sua produção, e de alguns caminhos percorridos por conta de sucessivas mudanças, chuvas⁷ e muitas mãos, temos acesso a esses impressos, que dão a conhecer jovens que em outras condições sequer saberíamos da existência (FARGE, 2009).

A partir de algumas fotografias dos exemplares físicos do impresso, são apresentadas características que auxiliam a descrever o suporte em que os textos são ofertados à leitura.

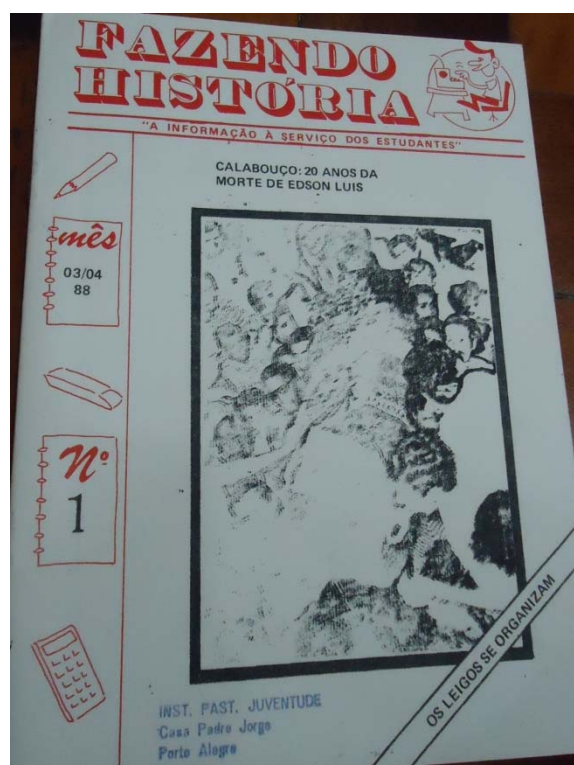


Figura 1 – Capa da edição de número 1 do *Fazendo História*.
Fonte: Acervo do IPJ

⁷Durante o tempo em que o Acervo do IPJ esteve apenas armazenado, esperando por uma localização definitiva após a saída da sede inicial do IPJ, o mesmo ficou em uma sala onde detectou-se que havia muitas goteiras. Isso ocorreu após uma chuva muito forte que molhou parte da Biblioteca e das “caixinhas” do Acervo.

Todas as edições localizadas apresentam a mesma configuração de capa, cuja gramatura é de uma folha mais espessa, endurecida, com detalhes em vermelho que se repetem, formando espaços a serem preenchidos a cada nova edição (Figura 1). O centro das capas apresenta, além do título, alguma imagem que denote relação com a temática da edição, ou do texto central daquele número. Na coluna formada à esquerda, estão as informações de data e edição. No topo figura o título, em letras grandes, com um subtítulo em uma linha logo abaixo.

Na moldura vermelha estão presentes alguns desenhos relacionados ao cotidiano do estudante, como caderno, lápis, borracha e calculadora. No topo, junto ao título, uma figura de um jovem datilografando em uma máquina de escrever.

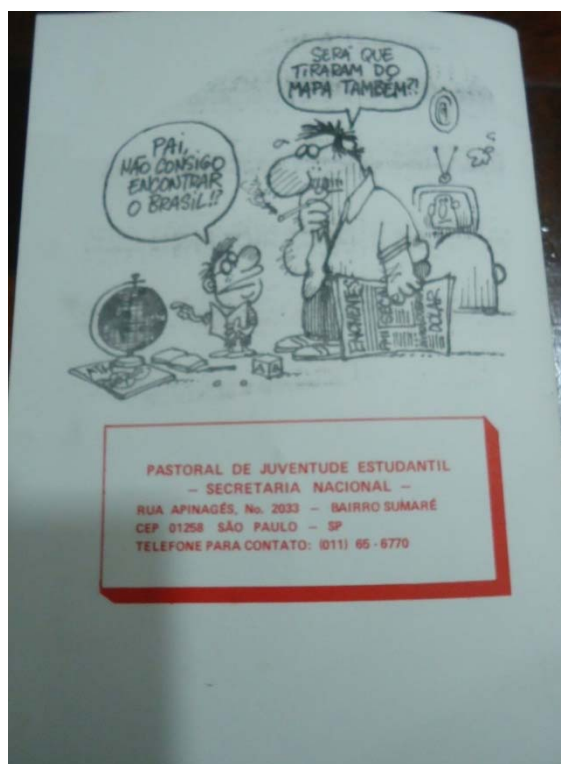


Figura 2 – Contracapa da edição de número 2 do *Fazendo História*.
Fonte: Acervo do IPJ

A contracapa (Figura 2), que é parte da mesma folha de impressão da capa, também tem seu padrão em vermelho, e a cada edição apresenta uma charge⁸ em preto. Somente na edição de número 11, a contracapa não reproduz uma charge, apenas o

⁸Considero como charge, pequenos quadrinhos com imagem acompanhada de algum breve texto (exemplo na Figura 2), com intuito de crítica social ou cultural, utilizando-se para isso da ironia.

padrão já comum em vermelho informando o endereço de contato da Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil.

A parte interna do impresso (Figura 3) é composta por folhas de ofício brancas, dobradas ao meio, em média duas a quatro, grampeadas ao centro da dobradura. A impressão é feita exclusivamente em tinta preta, frente e verso das folhas. Algumas edições aproveitam inclusive a parte interna da contracapa para impressão da última página. As folhas são todas brancas, inclusive as capas. Algumas apresentam marcas amareladas, resultado do tempo e do pouco cuidado com a conservação.

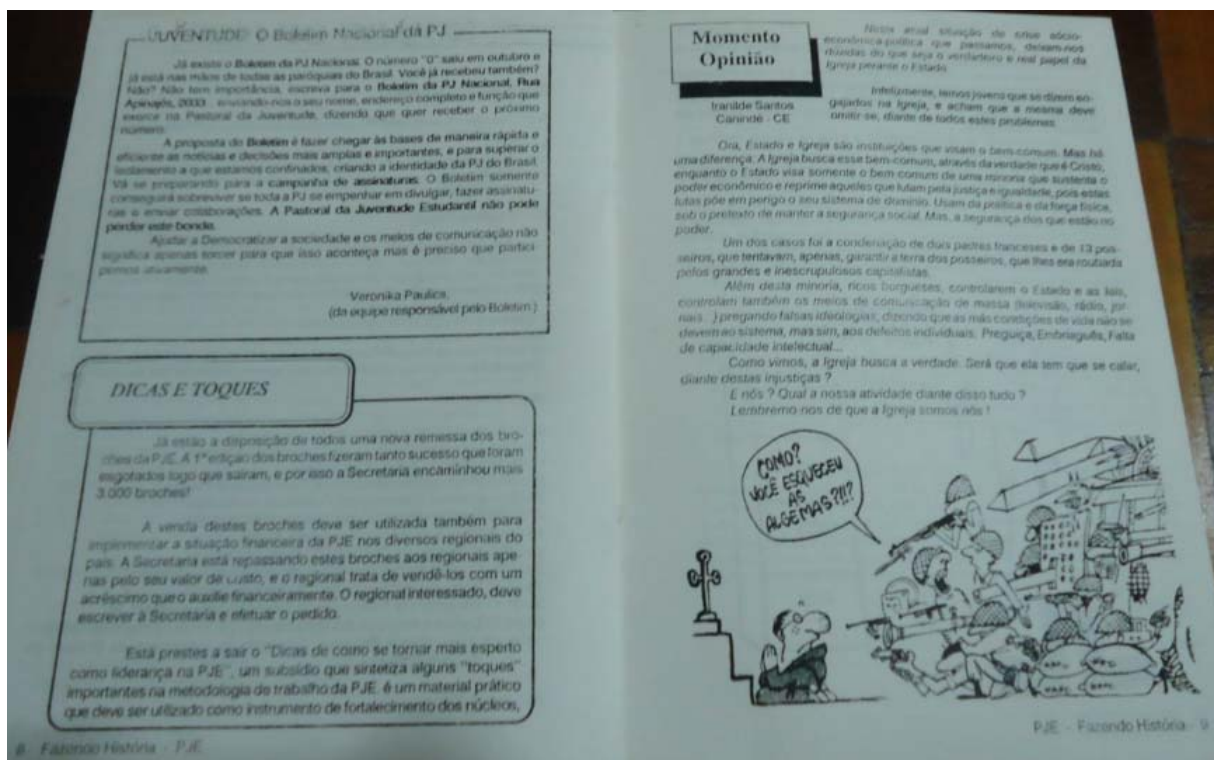


Figura 3 – Páginas 8 e 9 da edição de n. 4.
Fonte: Acervo do IPJ

Fica evidente na análise da materialidade desse impresso, um padrão constante da forma. Também é possível perceber alguns indícios de uma produção de baixo custo, pelas próprias condições financeiras do grupo de jovens que produzia o impresso.

Além do exposto até aqui, em *Fazendo História* é possível identificar certa regularidade na estrutura e organização do conteúdo. Muitas colunas se repetem em

vários números, sendo que dois tipos de texto estão presentes do número 1 ao 15: o Editorial, disposto no início, primeira página, saudando o leitor e apresentando explicação acerca do periódico e da PJE em suas atividades nacionais; o Recado do Assessor Nacional, ao final de todos os quinze números consultados. Na tabela 2, a seguir, consta o mapeamento das colunas recorrentes no impresso.

Ed.	Colunas/Seções (presentes em pelo menos 3 edições)									
	Alô	Editorial	Cartas	Dicas e Toques	Momento Opinião	Conjuntura	Visão Urgente	Aconteceu	Ensaio	Recado do assessor
01	X		X			X			X	X
02	X		X	X	X	X			X	X
03	X		X	X	X	X			X	X
04		X		X	X					X
05		X		X					X	X
06		X		X				X	X	X
07		X		X		X				X
08		X		X				X		X
09		X		X				X		X
10		X	X	X				X		X
11		X		X				X		X
12		X	X				X	X	X	X
13		X	X	X			X		X	X
14		X	X				X		X	X
15		X	X	X			X		X	X

Tabela 2 – Colunas do Jornal Fazendo História que aparecem em pelo menos três edições.

Fonte: Tabulação realizada pela pesquisa.

No caso da seção intitulada Alô, tem a mesma função de um Editorial, e somente a partir da edição de número quatro, passa a ser intitulada como tal. A coluna Cartas, transcreve cartas enviadas pelos leitores que fazem referências ao conteúdo do impresso, seus usos, sugestões e até abordam novas temáticas em evidência naquele momento.

Outras seções também podem ser aproximadas por suas temáticas e levando em consideração o fato de não coexistirem na mesma edição. Esse é o caso das seções Conjuntura e Visão Urgente, que tratam de apresentar uma explanação acerca da situação social e política do país, comentando-a criticamente.

Aqueles que escrevem e produzem o *Fazendo História*, não o fazem a partir de idéias inovadoras ou vazias. Esses jovens eram leitores de outros jornais, impressos estudantis, livros e textos de formação. A partir de suas leituras, promoveram reflexões que possivelmente deram origem às muitas páginas do *Fazendo História*. Segundo Eliana Yunes,

Do ato de ler decorre o ato de se escrever, de escrever a própria história e dos outros, de marcar a própria existência social com traços que podem, no entanto, guardar-se sob a forma das oralidades, tanto quanto ganhar volumes, cores e sinais. (2009, p. 35)

Portanto, os textos, o conteúdo e até mesmo a organização espacial do impresso, são indícios das práticas leitoras dos jovens que escrevem e produzem o *Fazendo História*.

Como possíveis indícios das práticas de leitura que levam os jovens a produzirem escritas publicadas pelo impresso, as referências citadas explicitamente, em parte ou completas, nos impressos são as seguintes:

Edição	Mês/Ano	Textos/Autores/Artigos citados
01	Mar.Abr./1988	----
02	Mai.Jun./1988	1. Marcelo Azevedo (Jornal do Brasil 27/04/88)
03	Set.Out./1988	1. Daniel Araújo Reis e Pedro Moraes ("68 A Paixão de uma utopia" Editora: Espaço e Tempo)
04	Jan.Fev./1989	----
05	Mai.Jun./1989	----
06	Jul.Ago./1989	----
07	Set.Out./1989	1. 22ª Reunião do Conselho Permanente da CNBB (Brasília, 25/08/89)
08	Nov.Dez./1989	1. Bertold Brecht ("Analfabeto Político") 2. Samuel Osmari
09	Jan.Fev./1990	1. Carlos D. de Andrade ("José")

10	Mar.Abr./1990	1. Samuel Osmari 2. Dom Hélder Câmara
11	Jul.Ago./1990	1. Herzer (“Encontrei o que queria”) 2. Folha de Pernambuco (“Estudantes de escol técnica fazem passeata de protesto”, 25/05/90) 3. IBASE (Políticas Governamentais, jul.ago./1990)
12	Nov./1990	1. Herzer (Florescer)
13	Mar.Abr./1991	1. João Batista Libânio (Tempo e Presença nº254) 2. Maria Isabel de Almeida (Tempo e Presença nº254) 3. Edson Luis
14	1991	1. Frei Betto (“Sequestro da Linguagem”)
15	Ago.Set./1991	1. João Cândido da Silva (“Ecologia e socialismo” Col. Repensando a Luta, 1991) 2. Dom Luciano Mendes de Almeida (“Chamados para servir”) 3. Carlos Drummond de Andrade (“Igual-Desigual”)

Tabela 3 – Dados sobre citações e referências a outros textos.

Fonte: Levantamento realizado pela pesquisa

Há uma evidente variação de estilos dos textos citados. Aparecem trechos de livros, poemas, frases de pessoas célebres, referências a documentos da Igreja, reportagens jornalísticas, entre outros. A grande maioria desses textos, independente de sua tipologia, trata da realidade social e juvenil e da transformação social.

Apenas quatro, dos quinze números do Fazendo História analisados, não apresentam nenhuma citação direta, explícita. Uma leitura mais atenta dos textos, porém, evidencia a presença de idéias e discursos correntes na sociedade. Além de alguns textos que não apresentam referência de autor e contem traços e indícios que levam a crer que foram retirados de outros impressos lidos, podendo ser jornais, livros, panfletos, etc.

Uma observação do suporte do impresso conduz, ainda, a tratar de alguns aspectos concebidos como protocolos de leitura, inscritos no texto pelo autor e/ou pelo editor com o intuito de restringir a multiplicidade de leituras possíveis, assegurando o que seria, supostamente, a leitura ideal do texto (CHARTIER, 2001). Os protocolos nos levam a compreender alguns aspectos da intencionalidade daqueles que escreveram os textos e produziram o impresso.

Os protocolos de leitura

Os jovens leitores do *Fazendo História*, como se relacionavam com os textos veiculados? Eram fiéis a seus propósitos? Transgrediam os sentidos pensados por seus autores? As práticas de leitura daqueles que se apropriaram dos impressos estudantis, ou de quaisquer outros impressos, supõem liberdades lado a lado com um conjunto de imposições, afinal,

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. (CHARTIER, 1998, p. 77)

Quais os protocolos de leitura que atravessam o impresso *Fazendo História*? Como é assegurado o sentido dos textos? É incorreto supor que uma mesma materialidade produz, junto a diferentes leitores, os mesmos sentidos da leitura. Mudam os gestos de leitura, de acordo com as razões de ler, sejam elas formativas, informativas, de militância no movimento estudantil, ou de formação catequética, e em alguns casos, até de contestação.

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. (CHARTIER, 2001, p. 20)

Os protocolos de leitura presentes no *Fazendo História* visam uma interpretação correta dos textos e discursos apresentados, utilizando-se de diferentes estratégias para isso. Na estrutura do texto ou nas imagens inseridas perpassa uma idéia de um leitor ideal, de usos apropriados imaginados por aqueles que escreveram os textos e produziram os impressos.

Para fins de sistematização, são propostas três categorias que remetem, por assim dizer, a três tipos de protocolos presentes no conjunto de impressos analisados. Alguns

são bastante evidentes e os mais recorrentes nesse conjunto. Os dois primeiros são inserções, complementos aos textos que tentam circunscrever os sentidos atribuídos. Outros, apresentam-se dispostos de modo a preencher espaços e acabam por contribuir na construção de significados do texto pelo leitor. Um outro protocolo está inscrito mais diretamente no próprio texto.

O primeiro diz respeito às imagens, abundantes na ilustração dos diversos textos, em alguns casos diretamente relacionados ao texto, em outros com uma função decorativa, ou de preenchimento do espaço da página.



Figura 4 – Imagem da página 2 da edição n. 1.
Fonte: Acervo do IPJ

Algumas imagens são ilustrativas daquilo que o texto deseja transmitir ao leitor, como na Figura 4, que aparece logo ao final de seção de apresentação do periódico, em sua edição de número um. O texto intitulado “Alô”, traz um convite ao leitor, apresentando o novo impresso como um objeto de divulgação e comunicação com todos os jovens estudantes interessados em uma mudança social. É um texto que busca motivar o leitor, já trazendo algumas informações e anúncios de como será o jornal. A figura apresentada, então, vem a ratificar esse sentido de novidade, e não qualquer novidade,

mas uma novidade positiva, um impresso que para além de suas páginas deseja ser ação concreta.

O segundo tipo de protocolo de leitura recorrente no *Fazendo História* é a inserção de imagens, em geral utilizadas como explicativas ou como comentário ao texto. Na maior parte dos números, aparecem em meio a textos mais densos, e/ou teóricos, que alternam imagens e escritas manuscritas, que por vezes assemelha-se ao formado de charge ou história em quadrinhos. Sugerem uma preocupação no sentido de tornar o texto mais acessível, valendo-se das ilustrações que ajudam o leitor a compreender textos considerados, por parte de quem escreve ou produz o impresso, de difícil interpretação.



Figura 5 – Páginas 12 e 13 da edição n. 3
Fonte: Acervo do IPJ

Como exemplo do segundo tipo de protocolos (figura 4), um texto da edição de número três, que aborda a atuação da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas) em um momento de perseguições políticas é bastante emblemático. As imagens inseridas no centro do texto, findam por criar blocos de textos, exemplificam o que significaria, e por que a atuação da UBES estaria sendo considerada ilegal.

Assim, “[...] a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que lêem” (CHARTIER, 1998, p. 128). A ilegalidade, que no texto é um conceito cifrado, torna-se um exemplo de ação por meio da utilização de charges. E, também através desse recurso, pode-se perceber uma tentativa de controlar a atribuição de significado ao texto, de forma que os leitores concordem com aquilo que o texto diz.

O terceiro protocolo que elenquei, diferencia-se um pouco dos demais pelo fato de não valer-se de imagens, mas da própria textualidade do impresso. Entretanto, converge em sua intencionalidade: dar ênfase a determinadas informações e torná-las acessíveis a um público que não necessariamente seja detentor de conhecimentos prévios a respeito dos assuntos apresentados.

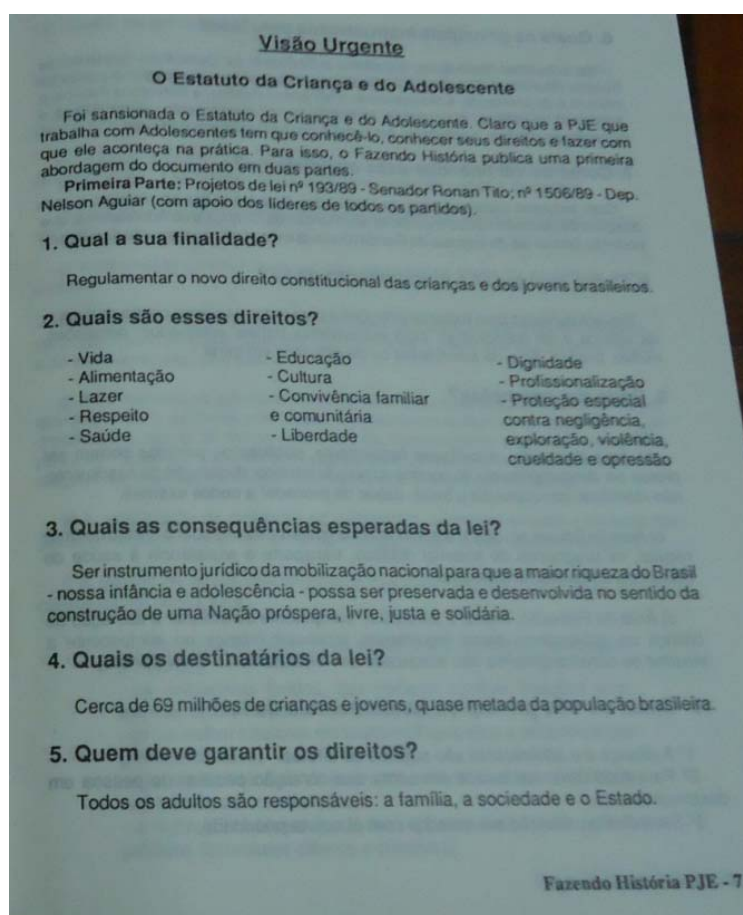


Figura 6 – Página 7 da edição n. 12.
Fonte: Acervo do IPJ

Apresento um exemplo desse tipo de protocolo de leitura que diz respeito à implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente. A figura 5 mostra o início do texto que consta às páginas sete a dez da edição de número doze. Ele anuncia o

lançamento da nova legislação específica para a população entre zero e dezoito anos. Tratando-se de um assunto novo, tanto para aqueles que escrevem, quanto para os leitores, há um empenho do impresso em produzir uma familiaridade frente à temática por meio de uma estrutura de texto que segue o esquema perguntas e respostas.

Para continuar pensando...

Os impressos estudantis exerceram uma função social de divulgar atividades, multiplicar idéias, atuar como instrumento de formação entre os grupos que os produziam e pelos quais circulavam.

A análise empreendida até o momento permite inferir que os impressos estudantis, em particular o *Fazendo História*, eram concebidos pelos próprios jovens como meio de disseminação de suas idéias e meio de organização da militância social, pastoral e política dos jovens. *Fazendo História* representou, para aqueles que o produziam, mais do que um simples informativo, mas uma ação, com toda a intensidade investida nesta palavra no contexto da pastoral de juventude. Ação de jovens estudantes, em alguma medida tutelada pela Igreja Católica e por ela também respaldada. E, ao mesmo tempo, ação produzida por jovens que não eram profissionais e não recebiam salário para tal execução, constituindo-se como uma ação de engajamento, testemunho de fé e crença nos valores de uma sociedade mais justa, voluntária.

O papel educativo da Igreja na formação desses jovens é indiscutível. Por meio das pastorais de juventude, a Igreja articulou e promoveu múltiplos aprendizados do mundo e das relações, provocando uma reflexão sobre temáticas que não eram comumente abordadas no ambiente escolar e que eram de interesse dos jovens.

Nas muitas páginas do conjunto de números do impresso *Fazendo História*, e de outros mais, muitas são as possibilidades de usos, apropriações e atribuição de significados. O que não se pode perder de vista é o fato de que uma “obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega cada vez, um outro significado” (CHARTIER, 1998, p. 71). Sendo assim, reafirma-se a relevância das análises relacionadas com as materialidades dos impressos que aqui foram estudados.

As leituras de sujeitos-leitores que tomaram contato com o impresso estudantil *Fazendo História*, foram únicas e marcadas por questões próprias ao tempo-espaço de apropriação. Assim como cada nova leitura desse impresso é única, isto não significa que inexistam características comuns e intencionalidades propostas através dos protocolos de leitura, sejam aqueles textuais, sejam aqueles que compuseram cada página da maneira como a vemos.

A grande questão, quando nos interessamos pela história da produção de significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas.(CHARTIER, 1998, p. 19)

Aqueles jovens responsáveis pela produção do impresso, foram também formados por suas leituras prévias. O exercício de escrever é fruto do exercício de ler e buscar novas temáticas, novos textos para partilhar com os leitores. Porém, nem as leituras realizadas, nem as escritas empreendidas encontram-se desligadas do suporte em que os textos são dados a ler.

As práticas de leitura daqueles que se apropriaram do *Fazendo História* não deixaram rastros aparentes para essa pesquisa, contudo, as práticas de leitura daqueles que escreviam os textos e produziam o impresso comparecem no *Fazendo História*. As citações, cópias de textos e mesmo estilos de escrita são indícios dessas práticas. Também testemunham um processo de formação presente na Pastoral da Juventude Estudantil, que valoriza a leitura e as partilhas em grupo como potenciais práticas de formação social, política e catequética.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Um periódico juvenil: civilidade nas páginas de O Clarim. **Conjectura**. Caxias do Sul, v. 17, n. 2, maio/ago. 2012. p. 123 – 144.

BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. **Revista História da Educação**, v. 17, n. 40, maio/ago. 2013, p. 7 – 10.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena. Apresentação. IN: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena (orgs.). **Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 5 -10.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. IN: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211 – 237.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. Prefácio. IN: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Liberdade, 2001, p. 19 – 22.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si e escritas do outro. **Patrimônio e Memória**, UNESP – CEDAP, v.3, n. 1, 2007.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRAGA, Andrea Silva. **Imprensa estudantil e práticas de leitura: a Revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)**. 2012. 173 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010

GASTAUD, Carla. **De correspondências e correspondentes: cultura escola e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950**. 2009. 264 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre.

MIGNOT, Ana Christina Venâncio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Carolina. **A escrita na escola primária: repercussões da obra de Ormindia Marques nas décadas de 30 a 60 do século XX**. 2012. 118 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre.

PJE. **Nossa Vida, Nossos Sonhos: Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil**. 2005.

PULITA, Raquel. **As lições de uma fonte** – análise da caminhada do Instituto de Pastoral de Juventude de Porto Alegre. Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação Especialização em Juventude. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymarará, 2009.